

GELVIN, James L. *The Arab uprisings: what everyone needs to know*. Oxford, Nova York: Oxford University Press, 2012, 185 p.

Gilmara Yoshihara FRANCO*

Recentemente a mídia mundial repercutiu os acontecimentos que ocorreram em diversos países do Oriente Médio. A faísca que detonou os conflitos ocorreu na Tunísia, em dezembro de 2010, após a autoimolação do jovem Muhammad Bouazizi. Logo depois, manifestantes saíram às ruas no Egito e ocuparam a Praça Tahrir, na capital, Cairo. Com a ocupação, a praça tornou-se um símbolo de resistência; logo, outros levantes se sucederam, atingindo Marrocos, Líbia, Iêmen, Síria e vários países da região, produzindo uma profusão de notícias que suscitam intensos debates sobre as dimensões daqueles acontecimentos.

Ao tecer considerações sobre o desenrolar dos levantes e sua significação histórica, comentaristas e analistas passaram a classificá-los como "Onda Revolucionária" e/ou "Primavera Árabe". Os debates em torno do tema, que tinham como objetivo produzir reflexões e respostas sobre o conjunto da situação vivenciada naqueles países, ocorreram nos mais diversos espaços: universidades, programas de televisão, jornais, revistas e redes sociais.

Especialista e convidado a dar entrevistas e palestras sobre a questão, James L. Gelvin, professor de História Moderna do Oriente Médio, na Universidade da Califórnia em Los Angeles, nos Estados Unidos, reuniu as reflexões apresentadas sobre o tema no livro "*The Arab Uprisings: what everyone needs to know*".¹

A análise dos levantes ocorridos Oriente Médio, empreendida pelo Professor Gelvin, está irremediavelmente ligado às abordagens da história do tempo presente. Tanto em face do aspecto temporal quanto em razão de se desconhecer os resultados efetivos das demandas pleiteadas durante os conflitos, está claro que o objeto de estudo do livro *The Arab Uprisings* pertence à esfera dos processos em curso. Embora o caráter de inconclusão suscite algumas resistências no que tange ao trabalho do historiador, a assertiva de Eric Hobsbawm (1998) de que "a despeito de todos os problemas estruturais

* Mestre em História – Doutoranda em História - Programa de Pós-graduação em História - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UNESP - Univ. Estadual Paulista, Campus de Franca, CEP: 14409-160, Franca, São Paulo - Brasil. Bolsista FAPESP. E-mail: gilmara_franco@yahoo.com.br.

da história do tempo presente, é necessário fazê-la. Não há escolha" (Apud FERREIRA, 2000, p.121), assegura a importância de se submeter tal assunto à investigação. Nesse sentido, ao trazer à tona explicações sobre os levantes árabes, James L. Gelvin nos oferece uma boa oportunidade para refletirmos sobre as tramas e subtramas que permeiam o contexto dos movimentos ocorridos em vários países do Mundo Árabe.

A narrativa de *The Arab Uprisings* está organizada em forma de perguntas e respostas, dessa maneira, o texto se apresenta bastante acessível, especialmente ao leitor que não é especialista no assunto, tornando possível compreender o complexo e intrincado conjunto de questões que envolvem os acontecimentos e que estão relacionados à sucessão de levantes que, desde o final de 2010, sacudiram o Oriente Médio.

Como resposta à questão inicial, o autor apresenta uma definição para o chamado "Mundo Árabe", caracterizando a região sob os mais diversos aspectos e, apropriadamente, apresentando as dimensões geográficas, políticas e religiosas dos países que compõem a região. Uma das preocupações de Gelvin, especialmente no que tange à questão política e religiosa, é apresentar não só as homogeneidades mas, principalmente, as muitas singularidades que são imprescindíveis para compreender o contexto cultural, de maneira que torne possível individualizar o cenário de cada um dos países onde ocorreram os conflitos no momento imediatamente anterior ao evento.

Quanto ao cenário político, o autor procurou remeter sua análise ao período pós Segunda Guerra Mundial, pois as ligações entre o presente e o passado recente - representativas do momento em que esses países se desvincularam do domínio direto (colonização), ou indireto (protetorado), aos quais estavam submetidos em face à dominação imposta pelas potências europeias - revelam a compleição política de Estados que, via de regra, passaram a conjugar autoritarismo e baixa participação política da população. A emergência de Estados autônomos, quer seja sob a forma de Repúblicas quer seja sob a forma de Monarquias, tornou possível o surgimento dos chamados "homens fortes"² que, em alianças de diversos matizes com o Ocidente, construíram pressupostos legais que viabilizaram, de um lado, a grande concentração de poder na mão de diminutos círculos políticos e, de outro, o cerceamento de direitos, repressão e severo controle sobre manifestações e demandas sociais.

O autor não se exime de situar as divisões e interfaces religiosas existentes em cada um dos países onde ocorreram os levantes. Todavia, a análise de Gelvin se concentra, em grande medida, no aspecto econômico que caracterizou a tensão social no

período que antecedeu a eclosão dos movimentos de revolta, relacionando questões econômicas com o crescente descontentamento social. Ao contextualizar o cenário econômico, o autor também pondera sobre o suporte direto e indireto que muitos desses países, como o Egito e o Iêmen, receberam, por exemplo, dos Estados Unidos, com o objetivo de equalizar desenvolvimento econômico e bem estar social para criar uma atmosfera de estabilidade visando manter uma feição política claramente autocrática. Em troca do apoio, os aliados internacionais, entre os quais o autor destaca os Estados Unidos, estabeleceram parcerias que objetivaram assegurar atuações na região, especialmente no que diz respeito a três questões: a primeira seria garantir a estabilidade tanto na produção quanto na comercialização do petróleo exportado para o Ocidente; depois, mediar o conflito entre Israel e Palestina e, mais recentemente, conseguir "apoio" para ações de combate a organizações terroristas que têm base naquela região.

Além do suporte externo, o livro aborda também o fato de que a manutenção do *status* autoritário do poder, do pós-guerra até o início da década de 1970, foi possível graças à cotação internacional do petróleo, um dos principais produtos de exportação da região, que à época, atingiu seu ápice. Os dividendos auferidos com a venda do produto propiciaram, tanto para os países produtores como para os não produtores (através de inúmeros acordos e subsídios) e a manutenção da concentração de poder nas mãos de pequenos grupos em troca dos benefícios sociais concedidos à população, tais como: empregos, acesso à assistência de saúde e uma relativa estabilidade econômica.

Essa "barganha" entre Estado e sociedade, segundo Gelvin, foi gradativamente se deteriorando à medida em que ocorreram quedas dos preços internacionais do petróleo, ações da administração de cada país que provocaram crescentes *déficits* orçamentários, bem como a mudança nos paradigmas da economia mundial, notadamente a onda neoliberal da década de 1980. A conjugação desses fatores provocou alterações no cenário econômico em diversos países do Mundo Árabe culminando com uma crise que fragilizou a relação entre Estado e sociedade e propiciou a eclosão dos levantes.

Naquela conjuntura, países que se encontravam mergulhados em dívidas, mesmo grandes produtores de petróleo, tiveram que aderir às diretrizes neoliberais estabelecidas por instituições de crédito internacional como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI) também como uma maneira de conseguir equilibrar a "barganha" feita entre os "homens fortes" e suas respectivas populações. Tais acordos financeiros permitiram que os Estados continuassem garantindo aos trabalhadores empregos e

benefícios sociais, mais ou menos abrangentes, em troca de lealdade e não questionamento quanto ao baixo nível de participação política que garantia a perpetuação do *status quo*.

Nos anos que precederam os levantes, em graus variados de intensidade, os desdobramentos das políticas neoliberais implementadas nos países analisados pelo livro resultaram em privatizações e na emergência de uma camada de super ricos, geralmente ligados ao núcleo político que estava à frente do poder, que obtiveram privilégios e favores na aquisição de empresas que antes eram controladas pelo Estado. A nova ordem implementada contribuiu para aumentar o fosso da desigualdade, além disso, entre os resultados nefastos da política neoliberal, verificou-se o aumento do índice de desemprego e a perda de parte dos parques benefícios sociais que aquelas sociedades tinham acesso.

Aliada a isso, a elevação do preço de alimentos, causada por questões conjunturais como seca, redirecionamento de políticas agrícolas em algumas regiões, a diminuição da oferta mundial de alimentos e a ação de organizações internacionais de direitos humanos no Oriente Médio, agravou uma tensão que já era crescente. De acordo com Gelvin, "*the increase in the price of food that the region began experiencing in 2007 turned out not to be a fluke. Between 2007 and the beginning of 2011, the price of food doubled on international markets, and as of March 2011 food prices had risen for eight consecutive months*" (p. 22). De maneira que a conjugação de todos esses fatores, que já vinham produzindo greves e revoltas na última década, culminou com a ocorrência dos levantes que, desde de dezembro de 2010, tomaram conta da mídia, em nível mundial.

Do segundo ao quinto capítulo, o livro singulariza a dinâmica dos conflitos em cada país. Para tanto, o autor retoma o contexto que desencadeou as revoltas nos Estados considerados "fortes", como a Tunísia e Egito; naqueles em que o conjunto das instituições denotam que se tratam de Estados "fracos", como os casos do Iêmen e da Líbia; nos lugares em que a emergência dos conflitos causou surpresa, notadamente na Argélia e na Síria e, finalmente, são analisado os levantes ocorridos em monarquias como o Bahrein.

Ao abordar individualmente os conflitos, o autor retrata a complexa teia que vincula a formação recente destes Estados aos malefícios sociais das políticas econômicas implementadas nas últimas décadas, aos efeitos do nível elevado de corrupção que favorecem o círculo em torno desses governos, bem como a fatores que,

em diversos níveis, têm influenciado as demandas pela ampliação dos direitos políticos naquelas localidades.

Ao abordar a eclosão e o desenrolar dos levantes, James L. Gelvin relativiza a importância das mídias sociais, notadamente o Facebook, para o desencadeamento e continuidade das revoltas. Para ele: "*there is no evidence that the social media have played any more of a role in a current uprising than the printing press and telegraph played in earlier uprising*" (p. 158). Do mesmo modo, tece considerações sobre o papel que países do Ocidente tiveram no desfecho de alguns levantes, como o caso da Líbia, e os porquês da relutância em tomar posição definitiva em relação a outros levantes, como vem ocorrendo em relação à Síria.

Em sua análise, considera também as possíveis consequências dos levantes para o futuro de organizações como a Al-Qaeda, que tem bases em muitos países do Oriente Médio, e para alianças entre esses países e o Ocidente, com especial destaque para o papel que os Estados Unidos podem vir (ou não) a desempenhar no Mundo Árabe após o desfecho dos conflitos.

Uma das mais importantes reflexões apresentadas no livro diz respeito ao uso dos termos "onda" e "primavera" para designar os acontecimentos verificados nos países árabes. Para o autor, denominar o conjunto de levantes como uma "onda", tal como se fez por ocasião dos movimentos havidos nos anos 1848 e 1968 na Europa e em diversos países ao redor do mundo, é recorrer a um *clichê* que se caracteriza como uma espécie de metáfora, tomada de empréstimo para designar uma situação de revolta. Tal expressão, segundo Gelvin, suprime a iniciativa individual daqueles que, em meio a contextos específicos, resolveram se engajar nos conflitos. Por outro lado, a expressão tem um significado implícito de automatismo, o que obscurece as singularidades que engendraram os levantes e só adquirem sentido quando observadas em relação à especificidade da realidade à qual elas pertencem. Quanto ao uso da expressão "primavera", o autor também faz ressalvas, uma vez que tal palavra sugere um resultado positivo para os levantes, o que seria conclusão demasiado precipitada, vez que, na maioria dos países, o fim dos levantes ainda está longe de se traduzir em medidas que vão ao encontro das reivindicações dos manifestantes.

Nesse sentido, com uma quês de ironia, o autor lembra que somente um dos levantes, o da Síria, teve início na primavera, os outros, ao contrário, tiveram início no inverno. Desse modo, chamá-los de primavera seria algo inapropriado em razão, até mesmo, da época do ano em que tiveram início. Assim, longe de querer apresentar uma

definição apaixonada ou idealizada sobre os conflitos ocorridos no Oriente Médio, o livro é um exercício crítico de reflexão que vale a pena por suscitar um olhar cauteloso para o presente. A leitura de *The Arab Uprisings* é recomendada também por se constituir em uma análise que não nos permite esquecer que o presente é apenas um lapso de tempo, ou um elo de ligação, entre o ontem e o amanhã.

Referências Bibliográficas

FERREIRA, Marieta Moraes. História do tempo presente: desafios. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 94, n. 3, p.111-124, mai/jun, 2000.

Notas

¹ Como ainda não há tradução para o português do livro que ora estamos resenhando, tanto o título como as citações do texto permanecem como no original.

²A expressão "homens fortes" usada pelo autor serve para designar tanto presidentes como reis que, das mais diversas formas, conseguiram se manter por muito tempo à frente do poder. No caso países republicanos como Tunísia, Egito, Síria, e Líbano, por exemplo, em que o modelo de Estado pressupõe uma alternância de poder, os presidentes se valeram de alterações nos textos Constitucionais ou mesmo de golpes de estado para se perpetuarem no poder. Nas monarquias a prerrogativa de permanência a frente do poder estava assegurada pelo próprio modelo do Estado.

Resenha recebida em 14/10/2012. Aprovada em 02/12/2012.